**Interpretação Formal
do Discurso Ficcional
e Performatividade**

Luiz Arthur Pagani (UFPR)

1 Apresentação

- Lógica Modal a partir do final dos anos 50: semântica de mundos possíveis (Kripke)
- Mundo possível (diferente do mundo real): suposição sobre como o mundo seria se alguma característica dele fosse diferente de como ela efetivamente é (*possibilia* e contrafactualivo)
- Natureza dos mundos possíveis:
 - Existência?
 - Problema da identidade intermundos (transmundana): como saber se um indivíduo aparece em outro mundo (contraparte), e não são indivíduos diferentes? (Eu seria eu mesmo se não estivesse apresentando esta comunicação?)

2 Introdução

- Base da semântica de condições de verdade: “Pedro corre” é verdadeira se Pedro pertence ao conjunto dos que correm
- Mas “Macunaíma perdeu a Muiraquitã” é verdadeira ou falsa?
 - no mundo real: falsa (ou sem valor de verdade), porque não há o indivíduo Macunaíma, e portanto ele não pode ter perdido nada
 - no mundo fictício de *Macunaíma*: verdadeira
- Só que a sentença não parece ser ambígua
- Além disso, um mundo possível não-real não é empiricamente acessível (sem estímulo sensorial direto)

3 Ficção como descrição de mundo

- Se não por experienciação (*acquaintance*), o discurso ficcional nos dá acesso a mundos possíveis por descrição (*description*) — as duas únicas vias de conhecimento, segundo Russell [5].
- Para David Lewis [2, p. 264], um texto ficcional designa os mundos nos quais é verdadeiro: “a verdade numa certa ficção é fechada para a implicação. Este fechamento é a marca indelével de um operador de necessidade relativa, um operador intensional que deve ser analisado como uma quantificação universal restrita a mundos possíveis. Assim, devemos considerar o seguinte: uma sentença prefixada ‘na ficção f , S ’ é verdadeira (ou, como ainda se diz, ‘ S é verdadeira na ficção f ’) sse S é verdadeira em todos os mundos possíveis num conjunto determinado de alguma maneira pela ficção f .”

4 Controvérsia

4.1 Searle [6]

- Apenas performativos explícitos
- Performativo como declaração (de guerra, por exemplo)
- Auto-garantido (ação se realiza automaticamente quando a sentença é proferida)
- Auto-referencial e executivo

4.2 Bach & Harnish [1]

- Não há nada de especial nos performativos explícitos, já que podemos executar os mesmos atos de fala sem eles
- Como também permitem um uso assertivo, não há nada no significado do performativo que determine semanticamente sua performatividade
- Portanto, não é nem auto-referente nem auto-garantido; a intencionalidade não é garantida pela expressão linguística, e precisa ser inferida pelo interlocutor
- Não correspondem a declarações, porque nem todo performativo exige instituição
- Performativo é asseveração (*statement*) direta, visando indiretamente outro ato de fala

4.3 Reimer [4]

- Falante nenhum reconheceria qualquer força constativa num proferimento performativo
- Performativo como não-constativo
- Sustentado por convenção

5 Ficção como performativo

- Performativo:
 - ato que modifica diretamente o mundo (portanto, nem verdadeiro nem falso)
 - descrição (portanto, verdadeiro ou falso) que leva indiretamente à modificação do mundo
- O discurso ficcional não apenas constataria a conformação dos mundos possíveis ficcionais, mas indiretamente os instituiria; assim como “eu vos declaro marido e mulher”, nas condições apropriadas, institui uma nova condição no mundo real

6 Conclusões

- Discurso ficcional descreve diretamente mundo possíveis fictícios
- E institui indiretamente mundos possíveis não-reais, assim como os performativos instituem uma nova condição no mundo
- Para textos literários, até poderíamos falar em instituição ou convenção; mas não para narrativas ficcionais corriqueiras
- Não é explícito: o operador intensional de ficcionalidade só faz sentido no discurso paraficcional (discurso sobre a ficção – ou metaficcional, como está estabelecido na literatura filosófica); no discurso propriamente ficcional (que estabelece os mundos fictícios), não faz sentido ficar lembrando o interlocutor de que a narrativa não corresponde à realidade

Referências

- [1] Kent Bach and Robert M. Harnish. How performatives really work: A reply to searle. *Linguistics and Philosophy*, 15(1):93–110, 1992.
- [2] David Lewis. Truth in fiction. *American Philosophical Quarterly*, 15(1):37–46, 1978. Also in [3, pp. 261–275].
- [3] David Lewis. *Philosophical Papers – Vol. 1*. Oxford Academic Press, New York, 1983.
- [4] Marga Reimer. Performative utterances: A reply to Bach and Harnish. *Linguistics and Philosophy*, 18(6):655–675, 1995.
- [5] Bertrand Russell. Knowledge by acquaintance and knowledge by description. In *Proceedings of the Aristotelian Society (New Series)*, Vol.XI, pages 108–128, 1911.
- [6] John R. Searle. How performatives work. *Linguistics and Philosophy*, 12(5):535 – 558, 1989.